
**A Sexualidade Feminina em *Penny Dreadful*:
rompendo com o padrão de mulher na era Vitoriana e no cinema**

**Female Sexuality on *Penny Dreadful*:
breaking with the pattern of women in Victorian era and in the Cinema**

Nicole Donato Pinto MACHADO¹

Resumo

O artigo analisa como as personagens femininas da série *Penny Dreadful* contestam o padrão social de mulher na era Vitoriana e rompem com a representação dominante das mulheres no cinema tradicional. Através de contextualização histórica, abordagem psicanalista feminista sobre o olhar no cinema e análise sobre a sexualidade da protagonista, conclui-se que a série representa a ascensão de uma feminilidade moral, sexual e socialmente libertária.

Palavras-chave: Sexualidade; representação feminina; padrão social

Abstract

The article analyzes how the female characters of the *Penny Dreadful* series contest the social pattern of women in Victorian era and break with the dominant portrayal of women in traditional cinema. Through historical contextualization, feminist psychoanalytic approach to the look in the cinema and analysis on the sexuality of the protagonist, it concludes that the series represents the rise of a moral, sexual and socially liberated femininity.

Keywords: Sexuality; female representation; social pattern

Introdução

¹ Estudante de Graduação. 5º semestre do Curso de Cinema e Audiovisual da UFS-SE, email: ndonato92@gmail.com

O *penny dreadful* era um livreto de histórias grotescas e sangrentas sobre crimes chocantes e criaturas sobrenaturais, extensamente publicado no século 19, para entreter a crescente classe trabalhadora. Pelo acessível custo de um *penny* (um centavo de libra), espalhou pela sociedade inglesa uma literatura munida de um código moral distinto daquele da era Vitoriana, com raízes góticas e capaz de influenciar grandes autores da época – bem como gêneros narrativos contemporâneos.

A série americana *Penny Dreadful*, do canal *Showtime* (e exibida completa também na Netflix), referencia o gênero literário homônimo, criando um universo singular baseado na retomada do gótico e na intertextualidade entre histórias clássicas de terror, com pitadas melodramáticas. Criada e roteirizada por John Logan, a série (que se passa na Londres vitoriana) entrecruza as histórias de Vanessa Ives, bruxa do dia caçada por Lúcifer; Ethan Chandler, pistoleiro lobisomem; Sir Malcolm, guardião e aventureiro; e clássicos literários como Dr. Frankenstein, Dorian Gray, Drácula, dentre outros. Na série,

personagens clássicos são reproduzidos dentro de uma panorâmica vitoriana [...] que representa as ansiedades e inquietudes da época através de monstros como lobisomens, serial killers, deuses egípcios, espíritos malignos, vampiros e outras entidades icônicas do universo do horror (DAVINO, 2014, pág. 75)

Partindo da perspectiva de ascensão da nova mulher vitoriana estudada na pesquisa “A mulher na Era Vitoriana: um estudo da identidade feminina na criação de Thomas Hardy”, de Christiane Maria Lopes, o artigo contextualiza historicamente a série e suas personagens femininas. Diante de uma sociedade patriarcal extremamente opressora, as mulheres em *Penny Dreadful* refletem o anseio de libertação feminina, embrionário à era Vitoriana, contestando, refutando e rompendo com os padrões sociais limitantes ao gênero feminino.

Paralelamente, a presença da mulher no cinema tradicional é comumente representada de acordo com moldes patriarcais não muito distantes daqueles pertencentes ao século XIX inglês. Segundo Laura Mulvey, “o cinema dominante codificou o erótico dentro da linguagem da ordem patriarcal dominante” (MULVEY, 1983, pág. 440). Desta forma, é através da

sexualidade das personagens femininas, bem como da sua tomada de centralidade da ação narrativa, que a série rompe com os parâmetros tradicionais de representação feminina.

A protagonista, Vanessa Ives, é personificação dessa transgressão social feminina. A personagem representa uma contestação dos padrões de mulher na era Vitoriana, no cinema tradicional, no gênero melodramático, e no pensamento majoritário da literatura sobre sexualidade. Proveniente de uma rica família católica e devota a sua religião, Ives logo descobre-se perseguida por forças malignas que habitam também o âmago do seu ser.

A batalha entre o bem (representado pelo seu apego a seu Deus e pela bondade presente no mundo) e o mal (a rendição ao Diabo e consequente alastramento das trevas sobre a terra) é mais complexa do que dentro de uma perspectiva maniqueísta. Bem e mal são aspectos de uma batalha sobrenatural e psicológica de Vanessa Ives, e estão dentro dela consubstanciados.

Diante desses apontamentos, este trabalho é norteado pelo objetivo de traçar paralelos entre a mulher vitoriana e a mulher da contemporaneidade, refletida no Cinema. A metodologia aqui utilizada é a revisão de literatura sobre os temas concernentes, bem como a análise crítica de episódios da série *Penny Dreadful*.

O destaque midiático crescente das discussões sobre gênero, feminilidade, lugar da mulher na sociedade, dentre outras preocupações do movimento feminista, tem como consequência direta a adesão de tais pautas por recentes produções audiovisuais seriadas. Neste contexto, é essencial entender de onde *Penny Dreadful* parte e que posições busca tomar ao trazer ao holofote uma personagem feminina complexa, escapando à superficialidade do olhar sobre a mulher no cinema tradicional.

A Mulher na Era Vitoriana

A era Vitoriana foi o período do final do século XIX (1839 – 1901) em que a Grã-Bretanha esteve sob o reinado da rainha Vitoria. Diante das mudanças nas configurações sociais provocadas pela Revolução Industrial, havia ainda uma moral dúbia que distinguia gravemente homens e mulheres. Entretanto, foi nesse período que surgiram os primeiros esforços de pensamento e movimento feminista.

Segundo Lopes (1986),

na era vitoriana inicia-se um processo de individuação através do qual a mulher se dá conta de sua situação inferior em oposição ao homem, reconhece todos seus sofrimentos como ser humano, admite suas contradições e revolta-se indo em busca de uma solução para seu problema existencial (LOPES, 1986, pág. 1).

É nesse contexto temporal e social em que está inserida *Penny Dreadful* – e sua gama de personagens femininas contestadoras dos padrões de gênero vigentes. A protagonista Vanessa Ives é o seu maior expoente do que Lopes define como “a nova mulher”, aquela proveniente do embate entre os conceitos rígidos da mulher enquanto ser doméstico, submissa aos valores morais (honestas para os vitorianos), ou da mulher erótica, passional, sem pleno domínio sobre si própria (cortesã para os vitorianos).

A mulher vitoriana era submetida a restrições baseadas em preceitos morais, perpetuados por uma educação ideal da Lady Vitoriana, que se davam desde o íntimo da sua vida privada – como se portar durante as relações sexuais, por exemplo – até o âmbito público das funções sociais cabíveis, vestuário ideal, dentre outros fatores.

No quarto episódio da primeira temporada, a personagem Brona Croft revela a Ethan Chandler que decidiu vender seu corpo para escapar de um casamento violento, o que demonstra uma abordagem histórica coerente, fazendo referência à ascendência da prostituição na era Vitoriana. Ao mesmo tempo firma a tendência da série de retratar mulheres que vão contra as exigências de comportamento do período, uma vez que o matrimônio era o objetivo de vida de uma autêntica Lady Vitoriana.

Em *Penny Dreadful*, as personagens femininas representam essa nova mulher vitoriana que “percebe a necessidade de conquistar uma posição social como uma mulher inteira que encontra sua própria identidade dentro dela mesma” (LOPES, 1986, pág. 1).

A Mulher no Cinema Tradicional

A abordagem da mulher no cinema tradicional dialoga com o padrão de mulher vitoriana. As personagens femininas ali estão comumente relacionadas – e dependentes, submissas – a um personagem masculino, seja necessitando da sua proteção, no caso das frágeis donzelas, seja servindo de objeto erótico da sua imaginação e desejo.

Partindo da abordagem psicanalista feminista de Laura Mulvey, o olhar para o cinema é moldado pelo “inconsciente da sociedade patriarcal” (MULVEY, 1983, pág. 437). Desse modo, a representação da mulher está atrelada a valores seculares de opressão e desigualdade (relacionados diretamente àqueles da era Vitoriana). Para Mulvey (1983),

a mulher, desta forma, existe na cultura patriarcal como significante do outro masculino, presa por uma ordem simbólica na qual o homem pode exprimir suas fantasias [...], impondo-as sobre a imagem silenciosa da mulher, ainda presa a seu lugar como portadora de significado e não produtora de significado. (MULVEY, 1983, pág. 438).

O resultado disso para as narrativas cinematográficas tradicionais e dominantes é que a mulher funciona como objeto erótico para protagonistas e espectadores masculinos (cujos olhares funcionam em sincronia), enquanto que o homem é ativo na trama e possui o controle da história.

Por outro lado, há em *Penny Dreadful* um movimento contrário a essa hegemonia masculina do olhar e da ação. Vanessa Ives, figura central da narrativa, é uma mulher vitoriana solteira, poderosa bruxa, sexualmente *avant* para seu tempo, e é também, simultaneamente, uma mulher

em conflito, perseguida por forças malignas, submetida a momentos de fraqueza, e acometida de vulnerabilidades e dúvidas sobre si mesma.

A perspectiva das personagens femininas de *Penny Dreadful* é a de quebra do papel da mulher enquanto objeto icônico passivo de observação masculina, rompendo com as vias fetichista e voyeurista do cinema tradicional explicitadas por Mulvey: “O poder de subjugar sadisticamente uma outra pessoa à sua vontade, ou de submetê-la ao olhar voyeurista, volta-se para a mulher enquanto objeto desse poder sob essas duas formas” (idem, pág. 449).

Ives representa a mulher ativa temida e evitada pelo cinema tradicional. Na trama, os personagens masculinos parecem ser atraídos pelo magnetismo da sua saga, sejam aqueles que trabalham em seu favor ou os que lhe oferecem perigo. Ainda que se envolva afetiva e sexualmente com homens, é de acordo e a serviço da sua vontade.

Vanessa Ives, Sexualidade e Ruptura de Padrões

Um olhar desatento pode, à primeira vista, classificar a saga de Vanessa Ives através das características do melodrama, em que o mal acontece por razões externas, e a esperança de salvação se dá somente pela divina Providência, usualmente pela intercessão de um herói por quem a personagem se apaixonaria.

O autor Ismail Xavier simplifica o gênero pela seguinte explicação:

[...] ao melodrama estaria reservada a organização de um mundo mais simples, em que os projetos humanos parecem ter a vocação de chegar a termo e o sucesso é produto do mérito e da ajuda da Providência, ao passo que o fracasso resulta de uma conspiração exterior que isenta o sujeito de culpa e o transforma em vítima radical. (XAVIER, 2000, pág. 81)

Entretanto, uma atenta análise sobre Miss Ives contesta o reducionismo da responsabilidade humana contido no mais clássico melodrama. As batalhas entre o bem e o mal acontecem no mais íntimo do seu ser. É ela própria que encontra-se dividida e, ao mesmo tempo, responsável

por entregar-se ao seu lado sombrio (e tornar-se a “Mãe do Mal”, disseminando as Trevas sobre a terra), ou resistir – aliada à sua religião – e sacrificar-se em prol da salvação do mundo.

Nesse processo, a predominância da presença masculina no seu entorno é secundária quando confrontada com a sua relevância. Apesar de seus aliados serem quase todos homens (com exceção das figuras da sua tutora bruxa e da sua psiquiatra – que representam guias, interpretadas pela mesma atriz – e da estudiosa sobre a morte Catriona Hartdegen), o desenlace da história está atrelado e comumente regido pelo que acontece a Vanessa Ives.

A utilização do melodrama aqui é ressignificada. Seguindo a perspectiva de Xavier (2000),

Explora-se o potencial energético do gênero mas inverte-se o jogo, pondo em xeque a ordem patriarcal ou buscando, ao contrário de enlevos românticos, uma anatomia das lutas de poder na vida amorosa e no cenário doméstico. (pág. 83)

Miss Ives é o epítome da mulher que, por caracterizar-se como alguém além do tempo e da sociedade em que está inserida, é composta de contrastes e conflitos internos. O criador da série, John Logan, a define da seguinte forma: “[...] de um lado, ela é atormentada, ela é amaldiçoada por algo que a dilacera por dentro, mas é esta mesma coisa que a torna forte, poderosa e liberta num tempo em que as mulheres não poderiam ser.” (GOSLING, 2015, apud TAVARES; MATANGRANO, 2016, pág. 191, tradução nossa).

Uma vez que “o conceito de ‘monstro’ está originária e obrigatoriamente ligado à ideia de ‘transgressão’” (TAVARES; MATANGRANO, 2016, pág. 188), a postura de rompimento de padrões mantida por Ives a caracteriza, de acordo com estes autores, como um monstro social (além de sobrenatural). A sua busca por libertação é tanto uma questão espiritual quanto de gênero.

A transgressão social e sobrenatural de Vanessa é repetidamente abordada na série por intermédio da expressão de sua sexualidade aliada a manifestações de suas habilidades psíquicas. No segundo episódio da primeira temporada, após participar de uma sessão espírita e manifestar sua entidade pela primeira vez na série, Vanessa irrompe da sala, caminha pelas

ruas num transe obstinado e se depara com um rapaz desconhecido, com quem transa ali mesmo.

No quinto episódio, em flashback, uma adolescente Vanessa presencia o encontro sexual de sua mãe com Sir Malcolm, pai de sua amiga Mina. Narrada pela própria Vanessa alguns anos depois, a situação é descrita como um sussurro de uma presença demoníaca que habita dentro dela, ou ao seu redor. Já adulta, uma primeira iniciativa de contato físico com Peter, irmão de Mina, é seguida não pela resposta de Deus, que ela buscava através da oração, mas de “outro”.

Neste mesmo episódio, na noite anterior ao casamento de Mina, Vanessa encontra-se com seu noivo perambulando pela casa durante a madrugada. No que ele descreve como sua “última noite de liberdade”, os dois seguem à sala de animais empalhados e, num diálogo quase poético, Vanessa o seduz ao ato sexual (que depois ela mesma define como “uma transgressão imperdoável que me marcou para toda a vida”) que é, em dado momento, flagrado e observado por Mina.

Posteriormente, Vanessa é acometida por uma doença em que transita entre estados de catatonia e convulsões. Levada para uma clínica psiquiátrica em Londres, é diagnosticada com “histeria de natureza psicosssexual”. Diante disso, Ives é submetida a uma série de torturas, chegando ao desfecho de um procedimento cirúrgico de lobotomia.

A histeria feminina é, no curso da História, mais um artifício de controle do patriarcado sobre mulheres: através da Medicina, deslegitimava-se reações emocionais femininas baseado num ideal de pacifismo submisso da mulher. A psicanálise de Freud tem como pilares a histeria e a divisão da psique masculina e feminina baseada na sexualidade.

[...] (5) Os sintomas histéricos estão a serviço da satisfação sexual e representam uma parcela da vida sexual do sujeito (uma parcela que corresponde a um dos constituintes do seu instinto sexual). [...] (9) Os sintomas histéricos são a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina. (FREUD, 1908, pág. 5)

Para a perspectiva do autor, a emersão da sexualidade e da busca de prazer da mulher, presente num ato masturbatório e/ou histérico, revela a existência de uma outra sexualidade de caráter masculino, ou seja, “pertencente” ao homem. Há na literatura acadêmica uma dificuldade de representação da mulher enquanto sujeito da sua sexualidade. Quando presente, a sexualidade feminina é comumente diluída a partir da perspectiva de objetificação masculina.

A filósofa feminista Simone de Beauvoir critica a análise freudiana da sexualidade feminina. Segundo Beauvoir, o autor “recusa-se a por a libido feminina em sua originalidade: ele a vê, por conseguinte, necessariamente como um desvio complexo da libido humana em geral” (BEAUVOIR, 1970, pág. 60). Para a autora, portanto, a descrição da sexualidade feminina em Freud parte de um modelo masculino, e é por ele limitada.

Ainda no quinto episódio, no encontro de Vanessa com o seu demônio, incorporado na figura física de Sir Malcolm, são as palavras dessa entidade onisciente que caracterizam Ives como detentora do poder de escolha sobre todo o acontecido. O encontro culmina num ato sexual com o demônio, o que aparece aos olhos da mãe de Vanessa como um transe orgástico, uma visão chocante que a leva à morte.

É no sexto episódio, de volta ao tempo presente da narrativa, que a sexualidade e a sobrenaturalidade de Vanessa Ives atingem o ápice de sua intersecção. No momento do orgasmo, durante sua relação sexual com Dorian Gray, Ives ouve aquele mesmo demônio de sua juventude. Retira-se do quarto e, já em casa, é completamente possuída pela entidade, levitando diante de Sir Malcolm.

Considerações Finais

É no entrelace de transgressões sociais e sobrenaturais de Vanessa Ives, ligadas à sua sexualidade, liberdade, atitudes independentes e domínio sobre o próprio destino, que se revela singularmente o caráter de contestação e ruptura de padrões da série *Penny Dreadful*. O seu

poder de escolha, seus contrastes que a atormentam e fortalecem, sua firme postura de mulher consciente de si como um ser inteiro, a configuram como um personagem símbolo da quebra de paradigmas do que se entende por feminilidade.

Neste sentido, a criação de John Logan é exitosa no que se propõe: dentro da reconstituição de uma época de contradições gritantes, insere uma proposta de representação das complexidades de um ser feminino às margens dos moldes sociais, dotada de poderes sobrenaturais e de monstruosos desejos de libertação.

Penny Dreadful trata de temas históricos que se revelam na contemporaneidade. A condição da mulher enquanto oprimida pelas estruturas machistas da sociedade, “o apagamento de fronteiras entre pessoas e monstros, à medida que estes são humanizados e a sociedade é desumanizada” (TAVARES; MATANGRANO, 2016, pág. 186), servem de alerta e reflexão para o espectador atento às contradições sociais de sua própria época.

Assim como a mulher vitoriana desafiadora é encontrada na literatura por Lopes, a mulher da contemporaneidade engajada na reconfiguração dos padrões sociais de gênero é representada no Cinema e nas realizações audiovisuais seriadas. As interseções entre as problemáticas sociais e individuais enfrentadas pelas mulheres de épocas distintas demonstram o caráter perene e cíclico do patriarcado.

A Vanessa Ives de John Logan é, portanto, o elo entre essas mulheres separadas pelo tempo. O autor foi capaz de evocar uma personagem situada séculos atrás que pode ser interpretada como uma metáfora, porque dialoga com as nuances da feminilidade contemporânea, erguendo uma crítica ao anacronismo das dificuldades impostas pelo machismo.

Referências

ANDERSON, Hephzibah. **The shocking tale of the penny dreadful**. Disponível em <<http://www.bbc.com/culture/story/20160502-the-shocking-tale-of-the-penny-dreadful>> Acesso em: 26/09/2017

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: 1. fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

DAVINO, Vanessa. **Penny Dreadful: Rastros de clássicos góticos em palimpsesto televisivo de horror**. BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras ISSN: 2238-5754 – n.07, ago/dez de 2014.

FREUD, Sigmund. **Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade**. 1908. Disponível em: <<http://centropsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Aula11-FantasiaHist%C3%A9ricaesuaRela%C3%A7%C3%A3ocomaBissexualidade.pdf>> Acesso em: 01/10/2017

HUGHES, Kathryn. **Gender roles in the 19th century**. Disponível em: <<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/gender-roles-in-the-19th-century#>> Acesso em: 26/09/2017

LOPES, Christiane M. **A mulher na Era Vitoriana: um estudo da identidade feminina na criação de Thomas Hardy**. Curitiba: UFPR, 1986

MULVEY, Laura. **Prazer visual e cinema narrativo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TAVARES, E. F.; MATANGRANO; B. A. **A humanização do monstro no seriado televisivo Penny Dreadful**. Revista Abusões, 2016.